

MENINAS NAS CIÊNCIAS: disciplina eletiva sobre inclusão de gênero no ensino médio e produção de HQ

Carla Gabriela Morais da Silva¹
Tânia Maria Goretti Donato Bazante²

RESUMO

Os diversos espaços sociais são responsáveis por conduzir homens e mulheres a desempenhar certos comportamentos e atitudes. Esses comportamentos e atitudes são os papéis sociais aprendidos pelos indivíduos ao longo da vida. Um desses espaços sociais responsável pela construção de subjetividades é a escola. É nela que os sujeitos entram em contato com seus pares e formam suas identidades. Nesse sentido, a escola é um espaço que deve primar pela valorização da igualdade de gênero. Desta forma, este texto apresenta um relato de experiência trazendo a construção e a vivência de uma atividade desenvolvida em uma eletiva no ensino médio intitulada “meninas nas ciências” por uma turma mista do 2º ano. Esta atividade foi criada com intenção de favorecer discussões de gênero entre os(as) discentes através da utilização de histórias em quadrinhos, contando a história de mulheres brasileiras cientistas. A atividade foi realizada por meio de pesquisa no laboratório de informática da escola, e as histórias em quadrinhos foram construídas utilizando o aplicativo *Canva*. Nos trabalhos apresentados pelos(as) alunos(as), observou-se que a maioria das construções têm em torno de duas páginas, o que configura uma história em quadrinhos curta. Nelas foram condensados muitos textos explicativos, retirando o caráter lúdico desse formato de texto, porém as imagens utilizadas são visualmente atrativas. Em relação à discussão de gênero, proposto pela eletiva, a atividade contribui para assegurar modelos femininos diversos, indo além dos papéis sociais historicamente associados às mulheres, como e de cuidadora do lar e da família; mostrando mulheres que seguiram carreira na ciência e tiveram e têm relevância no cenário nacional.

Palavras-chave: Gênero, Ensino Médio, Eletiva, Ciência, história em quadrinhos.

INTRODUÇÃO

Com a intenção de implementar práticas curriculares que possam contribuir com reflexões sobre os papéis de gênero e os estereótipos performatados por homens e mulheres, meninos e meninas, este estudo tem o objetivo de descrever a vivência de

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática - PPGECEM, Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste - UFPE/CAA carlagabimorais@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba(UFPB). Profa. Associada da Universidade Federal de Pernambuco(UFPE). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGECEM) da UFPE/CAA. Vice-Líder do Laboratório de Pesquisa em Políticas Públicas, Currículo e Docência-LAPPUC/UFPE/CNPq. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Educação, Inclusão Social e Direitos Humanos-GPEISDH/CNPQ-. tania.bazante@ufpe.br



É importante refletirmos que a escola, durante muito tempo, se constituiu como um espaço com propostas curriculares e expectativas diferentes para meninos e para meninas, a exemplo das aulas de costura e etiqueta voltado para meninas; e de aulas com foco em matemática e ciências voltada para meninos. Essa diferenciação acontecia também na separação física, visto que era frequente a existencia de escolas para meninos e escolas para meninas. Isso estava relacionado ao que era esperado socialmente para ambos os gêneros, “no sentido de disseminar normas e modelos de comportamentos para esses indivíduos” (Figueiredo, *et al.*, 2021, p. 16), evidenciando, assim, uma desigualdade de gênero que se perpetua até hoje.

Foi no século XIX, que instituições ligadas a Igreja Católica fundaram diversos estabelecimentos de ensino voltados para a educação feminina no Brasil. Os objetivos dessas organizações eram de disseminar valores conservadores e cristãos, para a preparação e atuação das mulheres como esposas, mães ou professoras.

Mesmo com o acesso à educação formal, pesquisas mostram que as mulheres ainda continuam distantes de certas áreas como a da ciência, por exemplo. Por isso, incentivar e promover uma maior participação das mulheres na ciência é essencial. E conhecer essas histórias inspiradoras de mulheres cientistas pode ajudar meninas e mulheres a se enxergarem nesse lugar futuramente. Além disso, apresentar essas cientista também busca fazer os(as) alunos(as) conhecer e compreender melhor aspectos mais práticos da profissão.



Outro motivador deste trabalho é a preocupação com os altos índices de violências às quais as mulheres e meninas estão submetidas. Nesse sentido, além da proteção da lei, é importante o aspecto educacional, ou seja, é trazer conscientização sobre igualdade de gênero para o contexto escolar. Neste aspecto, a Lei 11.340, de 7 de agosto de 2006 - Lei Maria da Penha - estabelece formas de combater a violência doméstica e familiar contra a mulher. Mas além da característica punitiva, essa norma apresenta formas de coibir a violência doméstica e familiar de maneira preventiva através de ações nas escolas (Brasil, 2006).

Ressaltamos neste texto, o entendimento de gênero enquanto construção de identidades de um ponto de vista social. Nas palavras de Louro (1997, p. 8) o conceito de gênero é como “algo que transcende o mero desempenho de papéis, a idéia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o”.

Destacamos por fim que a HQ, atividade realizada pelos(as) alunos(as), é uma sequência lógica de quadrinhos com imagens e textos escritos que contam uma narrativa. Esse tipo de texto é amplamente utilizado para a alfabetização de crianças, no sentido de estimular a leitura (Santos; Ganzarolli, 2011), isso acontece devido ao caráter lúdico desse tipo de texto. Nessa direção, o uso de HQ como pano de fundo para discussões de gênero em sala de aula, dando visibilidade à trajetória de mulheres cientistas, mostra-se um instrumento potente.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A disciplina eletiva “Meninas na Ciência” foi vivenciada em uma turma de 2º ano do ensino médio de uma escola pública do agreste pernambucano, no segundo semestre de 2024, contando com carga horária de 40 horas semanais. Ela foi criada a partir de estudos sobre gênero realizados durante o curso de mestrado. A ideia da disciplina surgiu durante a apresentação de um seminário com o tema “Currículo Feminista” vivenciado no componente curricular “Currículo e Docência” do referido curso de pós-graduação.

A vivência da eletiva no ensino médio contou com aulas diversas, para a discussão do tema da desigualdade de gênero. Com esse fim foi utilizado recursos como músicas, textos, apresentação de slides, etc. Mas ressaltamos que neste texto será



abordado apenas a atividade de produção de HQ pelos(as) discentes e como essa atividade repercutiu nas discussões sobre gênero.

A atividade de produção de histórias em quadrinhos HQ's foi precedida pelo jogo "coisa de menino ou coisa de menina?". A intenção do jogo foi levantar a discussão sobre o que historicamente são coisas atribuídas a meninos e a meninas, como por exemplo o ato de se maquiar ser relacionado a meninas; mas no jogo era mostrado o apresentador William Bonner utilizando maquiagem rotineiramente para apresentar o Jornal Nacional na TV Globo. Outro exemplo usado para o debate foi o balé, mostrando o renomado bailarino brasileiro Thiago Soares, que já se apresentou em grandes palcos pelo mundo, provando que balé não é algo apenas relacionado às mulheres.

Após esse momento de sensibilização sobre o tema, foi apresentado aos(as) alunos(as) o aplicativo de design gráfico *Canva*. Esse recurso pode ser utilizado como ferramenta educacional na produção de diversos tipos de materiais como apresentações, materiais para redes sociais, currículo, cartaz, entre outros. Como já mencionado anteriormente, nesta disciplina o *Canva* foi utilizado para produção de HQ pelos(as) educandos(as).

Depois disso, os(as) alunos(as) foram divididos(as) em grupos, em que cada equipe deveria pesquisar a história de cientistas brasileiras e sintetizar suas trajetórias em formato de HQ. As cientistas brasileiras utilizadas na atividade proposta foram escolhidas a partir do livro "Histórias para inspirar futuras cientistas" escrito por Juliana Krapp e Mel Bonfim. As autoras elaboraram esse livro para visibilizar a trajetória de mulheres que trabalharam na Fundação Oswaldo Cruz, e que ao longo da história, não tiveram tanta notoriedade quanto deveriam. As autoras trazem o seguinte questionamento: Se a instituição possui muitas figuras em destaque pela contribuição na ciência no Brasil e no mundo, porque a grande maioria que é reconhecida são homens? Quem são essas mulheres que trabalharam e trabalham na Fundação? (Krapp; Bonfim, 2021). No quadro 1 podemos ver quais foram as cientistas selecionadas para a produção dos HQ's pelos(as) alunos(as).

Quadro 1- Cientistas brasileiras pesquisadas pelos(as) alunos(as).

GRUPO	CIENTISTAS BRASILEIRAS
1	Marcia Chame



2	Nísia Trindade Lima
3	Alzira Maria Paiva de Almeida
4	Christina Moraes
5	Euzenir Sarno
6	Zélia Maria Profeta da Luz
7	Miriam Tandler

Fonte: A autora, 2025.

Após a definição das cientistas, a etapa seguinte foi a produção das HQ's. E para isso foi utilizado o laboratório de informática da escola. Nesse espaço, eles(as) puderam ter acesso a internet para pesquisar sobre as cientistas e utilizar o Canva. Alguns(algumas) alunos(as) optaram, todavia, por utilizar o próprio aparelho celular para fazer a atividade solicitada. Na figura 1 podemos observar o produto final da atividade do grupo 3.

Figura 1- Trecho da HQ produzida pelos(as) alunos(as) sobre a cientista Alzira Maria Paiva de Almeida.



Fonte: A autora, 2025.



Nos parágrafos que adiante, segue breve descrição das HQ's produzido pelos(as) discentes:

- O grupo 1 produziu um HQ curtinho similar a uma tirinha com apenas duas páginas. A primeira página apresenta um diálogo onde a protagonista, Marcia Chame, se apresenta para uma criança, e ela fala sobre sua contribuição para a preservação do patrimônio cultural e nacional do Parque Nacional Serra da Capivara, no Ceará, e de seu trabalho de mais de 40 anos na Fiocruz.
- O grupo 2 retratou Nísia Trindade. A HQ produzida foi curta, com apenas uma página, em forma de diálogo, contendo informações sobre o papel da cientista como ministra da saúde e na presidência da Fundação Oswaldo Cruz.
- O grupo 3 produziu atividade sobre Alzira Maria Paiva de Almeida. A HQ construída pelos(as) alunos(as) continha 6 páginas com diálogos bem construídos retratando o trabalho da cientista durante uma infestação da doença Peste Bubônica em Exu, no Sertão de Pernambuco.
- O grupo 4 produziu uma HQ curta, em forma de monólogo, onde a cientista Christina Moraes, relata sua origem, currículo acadêmico, a carreira de mais de 30 anos na Fundação Oswaldo Cruz e enfatiza o fato de ser uma mulher negra com título de doutorado.
- O grupo 5 produziu uma HQ curta sobre a médica e pesquisadora Elzenir Sarno. No texto, a cientista está conversando com um homem com trajes de médico e explica sobre seu trabalho com patologia e, mais especificamente, sobre a doença hanseníase.
- O grupo 6 abordou a vida, títulos acadêmicos e carreira de Zélia Maria Profeta da Luz, enfatizando sua contribuição em pesquisas sobre a Dengue, Zika e Chikungunya e sua atuação como diretora da Fiocruz Minas, entre outros feitos.
- O grupo 7 mostrou em duas páginas a história da médica e epidemiologista Miriam Tandler, trazendo sua importante contribuição na pesquisa sobre esquistossomose.



A culminância da eletiva foi organizada em forma de exposição das produções dos(as) alunos(as) em sala de aula. As HQ foram impressas e afixadas nas paredes da sala. Em seguida professores(as) e alunos(as) de outras turmas foram convidados(as) para conhecer a produção dos educandos(as). Como pode ser visualizado na figura 2.

Figura 2- Exposição das HQ's produzidas pelos(as) alunos(as).



Fonte: A autora, 2025.

CONCLUSÃO



Este relato procurou apresentar uma atividade de produção de HQ para promoção da igualdade de gênero e a valorização das mulheres atuantes na ciência e refletir a importância da escola, sendo vivenciado por estudantes de uma turma regular, mista, de uma escola pública do estado de Pernambuco, localizada no agreste.

Em relação a participação dos (as) alunos(as), apesar das discussões trazidas durante a vivência da eletiva, muitas vezes, eles(elas) não demonstraram grande engajamento, nem grande interesse pelo tema trazido à sala de aula. Foi verificada a participação nos debates de forma moderada, e fizeram as atividades com certa indiferença.

Apesar disso, analisando a discussão de gênero, a atividade mostra-se potente no sentido de propor a reflexão, pois o papel social da escola é de formar cidadãos conscientes socialmente, uma vez que a desigualdade de gênero está relacionada a diversas formas de violência sofridas pelas mulheres.

REFERÊNCIA

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006.** Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher [...]. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 ago. 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 20 de jun. 2024.

FIGUEIREDO, Lilian Rolim; LEMOS, Jádson Rudson Rodrigues; SANTOS, Mayra Silva dos; LIRA, Marcos Moreira; BARROSO, Betânia Oliveira. **EDUCAÇÃO, CURRÍCULO E DESIGUALDADE DE GÊNERO: UM REFERENCIAL TEÓRICO.** In: MOURA, Jônata Ferreira de (Org.). **EDUCAÇÃO, GÊNERO E SEXUALIDADE: PERSPECTIVA CRÍTICA E DECOLONIAL NO ESPAÇO ESCOLAR E NÃO-ESCOLAR.** Guarujá, SP: Científica Digital, 2021. cap. 1, p. 14-23.

DAL'IGNA, Maria Cláudia; KLEIN, Carin; MEYER, Dagmar Estermann. **GENERIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS CURRICULARES: uma abordagem feminista pós-estruturalista.** *Currículo sem Fronteiras*, v. 16, n. 3, p. 468-487, set./dez. 2016.

KREPP, Juliana; BONFIM, Mel. **Histórias para inspirar futuras cientistas.** Rio de Janeiro: Edições Livres, 2021. Disponível em: <https://portolivre.fiocruz.br/historias-para-inspirar-futuras-cientistas>. Acesso em: 10 de jun. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós Estruturalista.** 1 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.



SANTOS, Mariana Oliveira dos; GANZAROLLI, Maria Emilia. Histórias em quadrinhos: formando leitores. **TransInformação**, Campinas, v. 23, n. 1, p. 63-75, jan./abr., 2011.

